

## OS LIMITES DA RAZÃO: O QUE PODE E NÃO PODE SER DITO

Mateus Ramos Cardoso<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo quer analisar os limites da razão. Para tanto, analisaremos algumas proposições do filósofo Ludwig Wittgenstein (nascido em Viena em 1889 e morto em Cambridge em 1951) e perceber o papel da lógica para este autor e compreender o que pode dizer a linguagem.

**Palavra-chaves:** Razão. Wittgenstein. Lógica. Linguagem.

## THE LIMITS OF REASON: WHAT CAN AND CAN NOT BE SAID

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the limits of reason. For this, we will analyse some propositions of the philosopher Ludwig Wittgenstein (born in Vienna in 1889 and died in Cambridge IN 1951), and understand the role of logic to this author and what the language can say.

**Key-words:** Reason. Wittgenstein. Logic. Language.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduado em Ética e Filosofia, Pós-Graduando em Ciência da Religião – Instituto UcamPróMinas - E-mail: [teus33@yahoo.com.br](mailto:teus33@yahoo.com.br)

## **Introdução**

Todos os dias, falamos sobre diversas coisas. Mas, nem sempre nos damos conta do valor de verdade por traz de cada sentença ou simples palavra. Nosso modo de ver o mundo parece uma verdade que nos é dada sem a questionarmos. O século XIX, por herança do iluminismo, foi fortemente marcado pela Ciência, que vinha sendo a grande redentora, fomentando a mentalidade de que seriam resolvidos todos os problemas. Mas, no final do mesmo século, tem-se uma crise na ciência, as ideias de Newton são colocadas em questão por Einstein. O mesmo acontece com a Matemática e a Geometria, a obra de Russel da nova direção à matemática, rompendo com a geometria Euclidiana.

Toda essa transformação leva a um total descrédito da ciência e da matemática. A problemática atinge de certa forma a Filosofia, pois, utiliza-se informações da ciência e a linguagem da matemática. Com isso, começou-se a rever a maneira de fazer filosofia, precisando abandonar a linguagem da ciência e da matemática. Assim, surge a Filosofia da Linguagem. Alguns manuais não realizam a distinção entre a Filosofia da linguagem e o neopositivismo. Outros ainda, distinguem a Filosofia Analítica, da Filosofia da Linguagem e do neo-positivismo. Mas, a pesquisa será direcionada para a visão do filósofo Wittgenstein sobre a linguagem e seus limites. Ou seja, até que ponto a linguagem pode chegar? Pode ela descrever a totalidade da realidade?

O trabalho iniciará mostrando as noções gerais, as características e o movimento neopositivista tentando aplainar o caminho para que o leitor possa melhor compreender o trabalho, de forma geral, iniciando através de uma pequena apresentação do surgimento da filosofia analítica. Depois, analisaremos a concepção da filosofia da linguagem em Wittgenstein. O trabalho terá a sua conclusão demonstrando as diversas influências do pensamento de Wittgenstein para o conhecimento filosófico, apresentando a linguagem como limitada ao figurar a realidade.

## **Origem (Geográfica e filosófica)**

A filosofia analítica surge na Inglaterra com a obra de Moore e Russel, que adquire sua fisionomia característica com Wittgenstein estendendo-se em diversas escolas e grupos, sobre todo o mundo anglo-americano, constituindo uma das correntes de filosofia dominantes em nosso século.

O nome geral de filosofia “analítica” provém de *análisis*, que significa separação, decomposição ou divisão das partes de um todo, ou de um composto em seus elementos, como há, por exemplo, a análise química.

A *revolução na filosofia* foi qualificada a filosofia analítica por seus mesmos partidários na pequena obra introduzida por G. Ryle. Tal pretensão revolucionária se refere, sobretudo, a mudança colocada na orientação da filosofia inglesa com o ressurgir de uma nova forma de pensamento. Os ambientes intelectuais de Cambridge e Oxford dominavam, nas últimas décadas do século passado e a primeira deste, o neo-kantismo e neo-idealismo importados da Alemanha, cujo os representantes eram Green, Bradley, Bosanquet, Mc Taggart, Ward e outros, sendo sua máxima figura o lógico e metafísico Bradley. Era uma filosofia cultivada, sobretudo, por clérigos e aspirantes ao clero, que veriam no espiritualismo idealista um apoio para a teologia e a religião. Mas com a secularização dos centros universitários, as gerações de estudiosos laicos aspiravam as formas de pensamento em conformidade com as exigências das novas ciências e seus métodos científicos. Surge grande reação contra o idealismo com a obra de Moore e Russell, que constroem novos métodos de análise empírica combatendo e separando o monismo idealista.

A Filosofia Analítica é o retorno da antiga tradição inglesa do empirismo e nominalismo, como modesta análise dos fatos de experiência presentes na linguagem proposicional e rejeitando simultaneamente a análise psicologista das sensações e de ideias mentais de Locke e de Stuart Mill. E se desenvolvido sobre o chão do empirismo anglo-saxão e antimetafísico, na direção da análise lógica e linguística, seja de linguagem comum ou a linguagem da ciência e da matemática, como uma filosofia que tenta esclarecer a chave lógica e semântica dos resultados das ciências positivas.

### **O caráter geral da Filosofia de Wittgenstein**

A Filosofia de Wittgenstein é antiteórica. É certo que em sua primeira fase ele efetivamente produziu uma teoria da lógica e da linguagem, mas, era uma teoria que demonstrava sua própria falta de sentido. Depois de 1929, ele se absteve completamente de teorizar. A tarefa da Filosofia, como ele dizia, agora não era jamais explicar, mas, apenas descrever. Uma vez que a Filosofia ocidental havia sido concebida principalmente como uma busca de explicações num nível bem alto de generalidade, sua obra se situava à margem da tradição.

Wittgenstein não era um cético. A razão pela qual rejeitou a teorização filosófica não era o fato de ele considerá-la demasiado arriscada e sujeita a erro, mas o de acreditar que esta era a maneira errada de filósofos trabalharem. "A filosofia não poderia, e não deveria tentar, emular a ciência". (BUNNIN, 2002, p. 682)

Este é um ponto de afinidade com Kant. Seu método consistia em conduzir qualquer teoria filosófica de volta ao ponto em que se originou, o que poderia ser alguma prática rotineira bastante simples, observável na vida dos animais, mas, tornada ininteligível pela exigência de uma justificação intelectual. A explicação do grande apelo de sua obra da segunda fase não é só estilística. Ele está pondo por terra uma tradição filosófica que remonta à antiguidade. Esta é uma maneira de tratar o passado encontrado em muitas outras disciplinas.

### O "Tractatus logico-philosophicus"

As teses fundamentais do Tractatus são as seguintes: "o mundo é tudo o que acontece" (prop. 1); "o que acontece, o fato, é a existência dos fatos atômicos" (prop. 2); "a representação lógica dos fatos é o pensamento" (prop. 3); "o pensamento é a proposição exata" (prop. 4); "a proposição é uma função de verdade das proposições elementares" (prop. 5); "a formula geral da função de verdade é  $[r, z, N(e)]$ : essa é a fórmula geral da proposição" (prop. 6); "aquilo de que não se pode falar, deve-se calar" (prop. 7).

A teoria da realidade corresponde à teoria da linguagem. Segundo o Wittgenstein do Tractatus (ou como se diz, o "primeiro" Wittgenstein), a linguagem é uma representação projetória da realidade. "Nós fazemos representações dos fatos" (prop. 2.1). "A representação é um modelo da realidade" (prop. 2.12). E "o que a representação deve ter em comum com a realidade para poder representá-la - exatamente ou falsamente -, segundo o seu próprio modo, é a forma de representação" (prop. 2.17). Assim, o pensamento ou proposição representa ou espelha projetivamente a realidade. E a cada elemento constitutivo do real corresponde outro elemento do pensamento. A realidade consta de fatos que se resumem em fatos atômicos, compostos por seu turno de objetos simples. Analogamente, a linguagem é formada de proposições complexas (moleculares), que pode ser dividida em proposições simples ou atômicas (elementares), não ulteriormente divisíveis em outras proposições. Essas proposições elementares constituem o correspondente dos fatos atômicos. E são combinações de nomes, correspondentes aos objetos: "O nome significa o objeto. O objeto é o seu significado (...)" (prop. 3.203).

## O papel da lógica

Os críticos da Lógica argumentam que a mesma é vazia. Pelo contrário, ela tem um importante papel como instrumento de descrição da estrutura fundamental do mundo e da linguagem, que Wittgenstein explica ao dizer que as proposições descrevem a armação do mundo, ou melhor, representam-na, e elas o fazem mostrando o que tem de ser o caso para a linguagem fazer sentido. Tudo o que a Lógica pressupõe é que os nomes denotem objetos e as pressuposições façam sentido, senão a lógica nada tem a ver com a questão de saber se nosso mundo realmente é ou não assim. Mas, embora a lógica tenha a tarefa totalmente geral e formal de mostrar o que as estruturas do mundo e da linguagem precisam Ser para se conectar, ela é crucial, pois, com isso mostra quais são os limites do discurso significativo, e nisso, os limites do discurso da razão.

Os teoremas lógicos não precisam ser derivados de axiomas, são tautologias vácuas, que podem ser reconhecidas como verdadeiras a partir do símbolo apenas, calculando-se suas propriedades lógicas e, portanto, sem compará-las com a realidade o deduzi-las a partir de outras proposições. Todas as proposições da Lógica tem o mesmo estatuto, a saber, de tautologias, ou seja, todas dizem o mesmo, isto é, nada. Embora, porém, nem as tautologias, nem as contradições digam coisa alguma, o fato de que uma certa combinação de signos é tautológica ou contraditória mostra algo sobre as relações lógicas entre proposições.

## Figuração

A realidade total é o mundo. A figuração representa a situação no espaço lógico, a existência e inexistência de estados de coisas. A figuração é um modelo da realidade. Os elementos da figuração substituem nela os objetos. A figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de uma determinada maneira. (a figuração é um fato). A vinculação dos elementos da figuração chama-se sua estrutura; a possibilidade desta, sua forma de afiguração. A forma de afiguração é a possibilidade de que as coisas estejam umas para as outras, tal como os elementos da figuração. Desta forma que a figuração se enlaça com a realidade, ela vai até a realidade. Ela é como uma régua oposta à realidade. Apenas os pontos mais externos das marcas da régua tocam o objeto a ser medido. Segundo essa concepção, a figuração pertence a relação afiguradora, que a faz figuração. A relação afiguradora consiste nas coordenações entre os elementos da figuração e as coisas.

Essas coordenações são como que as antenas dos elementos da figuração, com as quais ela toca a realidade. O fato para ser uma figuração, deve ter algo em comum com o afigurado. Na afiguração e no afigurado deve ter algo de idêntico. O que a figuração deve ter com a realidade para poder afigurá-la a sua maneira seja correta ou falsamente, é a sua forma de afiguração. A figuração representa seu objeto de fora (seu ponto de vista é sua forma de representação); por isso a figuração representa seu objeto correta ou falsamente. Toda afiguração é também uma figuração lógica, que pode afigurar no mundo. A figuração afigura a realidade ao representar uma possibilidade de existência ou inexistência de estados de coisas. A figuração representa uma situação possível no espaço lógico. A figuração contém a possibilidade da situação que ela representa. A figuração concorda ou não com a realidade; é correta ou incorreta, verdadeira ou falsa. O que representa a figuração é seu sentido. Na concordância ou discordância de seu sentido com a realidade consiste sua verdade ou falsidade. Para reconhecer se a figuração é verdadeira ou falsa, devemos compará-la com a realidade. Não é possível reconhecer, a partir da figuração tão somente, se ela é verdadeira ou falsa. Uma figuração verdadeira a priori não existe.

Wittgenstein argumenta que os problemas filosóficos não são nada mais que problema da linguagem. Ele levanta a teoria da linguagem com figuração (uma definição existencialista da linguagem). “Um estado de coisas é pensável significa: podemos figurá-lo”. (WITTGENSTEIN, 147) É ter uma figuração, uma representação de estado de coisas. Isso seria uma definição necessária e suficiente de toda a linguagem. Um exemplo de uma figuração, “o gato é preto”. Através da figuração do estado da coisa eu sei que tem um gato e é preto. Sabendo que o estado da coisa é o objeto, que no caso do exemplo é o gato.

A linguagem vai apresentar o mundo como estado da coisa “A totalidade dos pensamentos verdadeiros são uma figuração do mundo”. (WITTGENSTEIN, 147). O pensamento é a proposição com sentido. O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido, sem fazer idéia de como e do que cada palavra significa como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. É inviável ter acesso a lógica da linguagem. Esta é como um traje que desfaça o pensamento. E como o traje, sua forma exterior é concebida de maneira a não tornar reconhecível a forma do corpo.

Sob esta perspectiva. A maioria das questões formuladas sob temas filosóficos provém do não entendimento da lógica da linguagem. Portanto, toda filosofia é uma crítica da linguagem. A proposição é uma figuração da realidade. É um modelo da realidade tal como pensamos que seja. Á primeira vista a proposição - como vem impressa no papel, por exemplo - não parece ser uma figuração da realidade que trata. Assim como a escrita musical também não parece ser uma figuração da música ou nossa escrita fonética (alfabética), uma

figuração de nossa linguagem falada. E, no entanto, essas notações revelam-se figurações, no próprio sentido usual da palavra. No caso da música, por exemplo, há uma regra geral que permite ao músico extrair a sinfonia da partitura, uma por meio da qual se pode derivar a sinfonia dos sulcos do disco, e segundo a primeira regra, derivar novamente a partitura, é precisamente nisso que consiste a semelhança interna dessas configurações, que parecem tão diferentes. Essa é a lei da projeção, que projeta a sinfonia na linguagem das notas na linguagem dos discos gramofônicos.

A proposição é a figuração da realidade: pois sei qual é a situação por ela representada, se entendo a proposição. E a entendo sem que o sentido da proposição seja explicado. Pois, a proposição mostra o seu sentido. É inconcebível uma concepção vaga entre proposições e fatos; as únicas alternativas são sim e não. Uma proposição é a figuração de um fato ou não. A proposição mostra como estão as coisas se for verdadeira. A realidade deve, por meio da proposição ficar estrita a um sim ou um não. É verdadeira a proposição elementar, então, o estado de coisas existe; é falsa a proposição elementar, então, o estado de coisas não existe. A proposição elementar consiste em nomes, é uma vinculação, um encadeamento de nomes. Estes são os símbolos simples. Antes de concluirmos, é necessário realizar uma distinção entre as fases do pensamento de Wittgenstein, percebendo assim, o que há de limite na linguagem racional.

### **Diferenças entre o primeiro e o segundo Wittgenstein**

Duas alterações se fazem notar nas doutrinas de Wittgenstein, entre os períodos inicial e final de seu pensamento. Em primeiro lugar, foi por ele abandonada a ideia de que a estrutura da realidade determina a estrutura da linguagem, passando a ser sugerido que realmente ocorre o contrário: nossa linguagem determina a concepção que temos da realidade, porque através da linguagem é que são vistas as coisas. “ Consequentemente, deixou ele de acreditar que seja possível deduzir a preexistente estrutura da realidade a partir da premissa segundo a qual todas as línguas têm certa estrutura comum.” (REALE, 1991, vol. 3. p. 659).

Essa alteração do ponto de vista solapa qualquer teoria que tente apoiar um padrão de pensamento ou uma prática linguística, tal como a inferência lógica, num alicerce independente, colocado no real, se aquelas coisas (padrões de pensamento e práticas linguísticas) requerem qualquer justificação, ela deve estar no seu próprio interior porque não há, externamente a elas, pontos de apoio independentes. Aquela espécie de objetivismo é

uma ilusão, produzida e sem dúvida pelo caráter não tranquilizador da explicação verdadeira, a de que qualquer apoio vem do centro, do próprio ser humano.

A segunda alteração doutrinária importante diz respeito à teoria da linguagem. No *tractatus* havia ele sustentado que as línguas partilham de uma estrutura lógica uniforme, que não se apresenta necessariamente à superfície, mas, que pode ser desvelada pela análise filosófica. As diferenças entre as formas linguísticas pareciam-lhe variações superficiais em torno de um tema único, nascido da lógica. Ao início de seu segundo período de atividade filosófica, chegou a uma concepção diametralmente oposta. A linguagem não tem uma essência comum ou, se a tiver, será mínima, incapaz de explicar as relações entre suas várias formas. Estas se ligam entre si de maneira apenas aproximada, como os jogos ou como rostos de pessoas que pertencem à mesma família.

### O que pode e não pode ser dito

Wittgenstein no decorrer do *Tractatus* ao observar as consequências de sua teoria da linguagem conclui que as proposições da Lógica, da Ética, entre outras, não dizem nada. São sem sentidos ou contrassensos, porque, são intenções de transcender, numa linguagem, o limite da linguagem, e, portanto, do mundo. Para Wittgenstein as coisas mais importantes como valores morais e estéticos, ou o significado da vida, etc., não podiam ser ditos, mas, somente mostrado. “Há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico”. (WITTGENSTEIN, 2001. § 6.522).

Ele considerava a demarcação do que pode ser dito e o que não pode dizer-se, somente, mostrar-se, como problema central da filosofia. O próprio autor do *Tractatus* explica como vai mostrar o inefável, “significará o indizível ao representar claramente o dizível”. (WITTGENSTEIN, 2001. § § 4.115). Só pode ser dito aquilo que pode ser comparado com a realidade. Uma proposição tem sentido contanto que retrate logicamente o mundo. “Não é possível reconhecer, a partir da figuração tão somente, se ela é verdadeira ou falsa”, (WITTGENSTEIN, 2001. § § 2.224), é preciso comparar a figuração com a realidade. As proposições lógicas são verdadeiras *a priori*, são tautologias<sup>2</sup> e suas negações são contradições.

“As proposições da lógica, portanto, não dizem nada. (São as proposições analíticas.)”<sup>3</sup> “Tautologia e contradição não têm sentido”.<sup>4</sup> Porém, não são contrassensos,

---

<sup>2</sup> Ibid., § 6.1

<sup>3</sup> Ibid., § 6.11

pois mostram “as propriedades – lógicas – da linguagem, do mundo”.<sup>5</sup> “o valor de verdade das proposições lógicas é independente de como são as coisas no mundo: na caracterização de Wittgenstein elas “dizem nada”. Isso não significa que a lógica seja vazia. Pelo contrário, ela tem um importante papel como instrumento de descrição da estrutura do mundo e da linguagem”.<sup>6</sup> A maioria das proposições e das questões surgem de nossa má compreensão da lógica de nossa linguagem: g(São da mesma espécie que a questão de saber se o bem é mais ou menos idêntico ao belo.[<sup>I</sup>])h.<sup>7</sup> A Religião, a Ética, a Arte e o Reino da pessoa como a Metafísica concernem ao que não pode ser dito, o que transcende o mundo:

O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há *nele* nenhum valor – e se houvesse, não teria nenhum valor. Se há um valor que tenha valor, deve estar fora de todo acontecer e ser-assim. Pois todo acontecer e ser-assim é casual. O que o faz não casual não pode estar *no* mundo; do contrário, seria algo, por sua vez, casual. Deve estar fora do mundo.<sup>8</sup>

Portanto, é impossível que exista proposições da Ética. (g) As proposições não podem exprimir nada de mais alto h.<sup>9</sup> (g) É claro que a Ética não se deixa exprimir. A Ética é transcendental. (Ética e Estética são uma só.)(h.<sup>10</sup>) Como a Estética é comparada a Ética, também pode ser comparada à religião. (g) Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo[<sup>II</sup>]. Deus não se revela no mundo(h.<sup>11</sup>) (g)Essa observação diz que considerações sobre Deus, talvez como fonte ou foco de valor, são unicamente relacionadas com o mundo como um todo, justamente como ocorre com as próprias questões de valor. Duas proposições corroboram isso: [6.44/6.45](h.<sup>12</sup>).

Há que assinalar que o «sentido», «sem-sentido» e «carente de significado» são termos que só podem aplicar-se a «dizer», é dizer, às proposições. Só podemos dizer alguma coisa com sentido dentro dos *limites* da linguagem. Há intenções de dizer algo *acerca do limite* da linguagem nas proposições «sem sentido» e intenções de dizer algo *acerca do que há no outro lado do limite* nos *carentes de significado*. «Sentido», «sem sentido» e «carente de significado» são primariamente categorias lógicas, mas também se usam no sentido ordinário com conotação valorativa.<sup>13</sup>

4 Ibid., § 4.461

5 Ibid., § 6.12

6 GRAYLING A. C. **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 65.

1 <sup>I</sup> Idêntico e belo, na primeira tradução para o português aparecem respectivamente como: com relação e beleza.

7 WITTGENSTEIN. op. cit., § 4.003

8 Ibid., § 6.41

9 Ibid., § 6.42

10 Ibid., § 6.421

1 <sup>II</sup> Altíssimo, na primeira tradução para o português aparece como: o que é mais alto; ou, mais elevado.

11 Ibid., § 6.432

12 GRAYLING A. C. **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 68

13 FANN, K. T. **El concepto de filosofía en Wittgenstein**. 2. ed. Madrid: Tecnos, 1992. p. 44.

Wittgenstein nunca disse, nem nunca havia dito, segundo Fann<sup>14</sup>, que a Metafísica carece de significado. Tentar dizer algo (no sentido de estabelecer proposições) acerca do que transcende o mundo (o inexprimível) resulta carência de significado. Isto não significa que Wittgenstein fora antimetafísico, no sentido de contra a Metafísica, porém que foi crítico para com os filósofos metafísicos tradicionais que apresentavam suas orações como proposições. Para Wittgenstein a Metafísica, a Ética, a Religião e a Arte pertencem todos ao reino do transcendental que não podem ser ditas, somente mostradas. Todo o sentido do *Tractatus*, segundo Fann<sup>15</sup>, é precisamente mostrar o inexprimível exibindo claramente o exprimível. Pode-se afirmar que Wittgenstein estava defendendo a Metafísica da mesma maneira que um teólogo tenta defender a religião: “Toda intenção de provar a existência de Deus carece de significado, porque não é uma questão de provar, é matéria de fé”.<sup>16</sup>

A lógica encerra em seus limites apenas o discurso factual, ou seja, tudo o que tem a ver com valor e religião cai fora desses limites. Assim, nada pode ser dito sobre essas questões. Wittgenstein descreve-as como o que é “Mais alto”, sendo que, é delas que o *Tractatus* realmente trata, embora isso seja difícil de se perceber, pois, o *Tractatus* se mantém em silêncio sobre elas. Para entender isso, deve-se apreender um ponto que Wittgenstein enfatiza em conexão com seu argumento principal e sua visão da Filosofia como elucidação: não se pode usar propriamente a linguagem para falar sobre a linguagem; não se pode dizer propriamente que as proposições tem certa estrutura cujos elementos estão ligados, pela relação afiguradora, com elementos do mundo. Sem dúvida, é exatamente disso que trata amplamente o *Tractatus*. Wittgenstein afirma que a proposição não pode representar a forma lógica; essa forma se espelha na proposição. O que se espelha na linguagem, esta não pode representar. Ora, justamente da mesma forma, não se podem dizer as coisas de natureza Ética ou religiosa, pois estas questões estão fora dos limites da linguagem, portanto, não há nada para as proposições sobre elas retratarem - o que significa que tais proposições não podem Ter sentido. Antes, o ético e o religioso mostram-se: há por certo o inefável. Isso se mostra, é o Místico.

Wittgenstein se dá conta de que, embora a ciência represente projetivamente o mundo, entretanto, além da ciência e do mundo, "há verdadeiramente o inexprimível. Ele se mostra: é aquilo que é místico" (prop. 6.522). "O sentido do mundo deve se encontrar fora dele. No mundo, tudo é como é e acontece como acontece: nele não há nenhum valor - e, se houvesse, não teria nenhum valor (...)" (prop. 6.41). E "nós sentimos que, ainda que todas as possíveis perguntas da ciência recebessem resposta, os problemas da nossa vida não seriam

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 45.

<sup>15</sup> Cf Ibid., p. 46.

<sup>16</sup> Ibid., p. 46.

sequer arranhados. Claro, não resta então nenhuma pergunta - e essa é precisamente a resposta" (prop. 6.52).

### **Considerações finais**

A tarefa de que Wittgenstein atribui a Filosofia é a de elucidação, que é o de clarificar o nosso pensamento e a fala. Deve-se delimitar o impensável de dentro, através do pensável. Processo este que, busca delimitar, por dentro por meio de elucidações e clarificações, resultando na obtenção de um ponto de observação, a partir do qual podemos definir os limites do discurso significativo, e, portanto, reconhecer exatamente pelo que eles são. Isso segundo Wittgenstein é necessário para que haja um vínculo entre a linguagem e mundo. Seu interesse reside unicamente no caráter lógico que o mundo e a linguagem devem possuir para serem possíveis as conexões entre eles.

É desnecessário se ocupar com proposições particulares, expressas por sentenças de uma ou outra linguagem natural-envolvidas em coisas particulares; vale, preocupar-se com apenas com a forma do argumento, usando, por exemplo, um simbolismo("p", "q", "&", "v" e assim por diante) para explicar tal forma. A lógica tem um papel como instrumento de descrição estrutural fundamental do mundo e da linguagem. O que a lógica pressupõe é que os nomes denotem objetos e as proposições façam sentido; senão a lógica nada tem a ver com a questão de saber se nosso mundo realmente é ou não é assim. A visão de Wittgenstein de que questões de valor concernem ao mundo como um todo, e não a fotos dentro dele, é reforçada por suas observações sobre a morte. Na minha morte, ele diz, o mundo não muda para mim, mas, acaba. Portanto, minha própria morte não é um evento em minha vida, ou seja, a morte não se vivencia, e num sentido, portanto, nossa vida é sem fim, como nosso campo visual é sem limite. Além disso, quanto a Deus, ele diz: "Como é o mundo é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela no mundo" (6.432). Essa observação diz que considerações sobre Deus, talvez como fonte ou foco do valor, são unicamente relacionadas com o mundo como um todo, justamente como ocorre com as próprias questões de valor. Assim, a Filosofia se transforma de doutrina em atividade clarificadora das afirmações das ciências empíricas, das tautologias lógicas, das assertivas matemáticas, atividade dissolutória das pseudoassertivas da Metafísica. Inevitavelmente, as pessoas perguntam que mensagem pode ser extraída da Filosofia de Wittgenstein. Se uma mensagem é uma teoria, então, como vimos, a mensagem é que não há mensagem. Como qualquer outro filósofo, ele levou a busca por uma compreensão além do ponto em que os critérios ordinários para a compreensão são satisfeitos.

Se puder discernir uma única estrutura em sua Filosofia, esta consiste em sua rejeição de todo apoio ilusório, independente para nossos modos de pensamento. Teorias rígidas do significado tratam as regras linguísticas como autoridades independentes às quais nós, que as seguimos, somos inteiramente subservientes. Wittgenstein afirma que isto é ilusão, pois, o sistema de instrução e obediência envolve uma contribuição de cada indivíduo, e pressupõe uma similaridade mental básica. Do mesmo modo, a necessidade da matemática é algo que projetamos de nossa prática, e, então erroneamente saudamos como o fundamento de nossa prática. Por certo, ele estava rejeitando o realismo, mas seu tratamento das regras mostra que não recomendava o convencionalismo em seu lugar. Sem dúvida, suas investigações possuem uma estrutura, mas não a estrutura da Filosofia tradicional.

Diante de um movimento de tamanha importância e de grandes influências, cabe ressaltar a desvalorização da metafísica e das questões religiosas, em contra partida uma supervalorização da linguagem e da ciência. Chegando a tentativa de tornar uma ciência, ou até, tornando a Filosofia serva da ciência. Pois, a atividade do filósofo se resumiria a analisar os termos da ciência. A grande força desse movimento se dá nas regiões de língua inglesa. Este filósofo merece grande atenção, pois, com ele se dá início a um novo modo de se fazer Filosofia. Não será uma nova corrente de filósofos, mas, essa forma analítica será um “método” utilizado por diversas correntes filosóficas.

### **Referências bibliográficas**

- GRAYLING, A.C. **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- WITTIGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.
- BARAÚNA, J. L. **Coleção os Pensadores: Moore**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1980. p.04.
- BUNNIN, N. **Compêndio de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRAYLING, A.C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MONDIN, B. **Curso de Filosofia: os filósofos do ocidente**. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1997, vol. 3.
- MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2000.
- MORENO, A.R. **Introdução a uma pragmática filosófica**. São Paulo: Unicamp, 2005.
- PORTA, M. A. G. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.
- REALE, G. **História da Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 3.

ROVOGHI, S. V. **História da Filosofia contemporânea:** do século XIX à neo-escolástica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus lógico-philosophicus.** 3.ed. São Paulo: Edusp,2001.